

Número da fita: 0023

Título: Entrevista com José Adriano e Marilda de Souza

Mídia: Mini DV

Time Code		Vídeo	Áudio	Tema	Comentário imperdível (interno ao material)	Sugestão (conexões externas)
in	out					
0:00:00	00:02:11	Enquadramento no rosto de Seu Zé Adriano, que está sentado em um sofá. No fundo há uma janela. A imagem está em preto/branco.	Fala sobre um ex-escravo, chamado Maximiliano. Este ex-escravo era cego.	ME		
00:02:12	00:03:26	Idem	Elogia Délcio no jongo	JO		
00:03:27	00:03:41	Idem	Canta o seguinte ponto de jongo: “Ê Ê Ê, querê meu Meu coro querê meu A onça pisou no meu rastro O meu coro querê meu A onça pisou no meu rastro O coro querê meu”.	JO		

00:03:42	00:04:03	Idem	Canta outro ponto: Ê Ê Ê, tem mangangá Tem Puiabô(?) mangangá Não mexe com toco seco Tem Puiabô(?) mangangá Não mexe com toco seco Tem Puiabô(?) mangangá	JO		
00:04:04	00:05:07	Idem	Explica como se faz os pontos do jongo.	JO		
00:05:08	00:05:32	Idem	Seu Zé adriano afirma não ter dia especial para se fazer jongo. Faziam quando queriam	JO	Não faz referência ao jongo no dia 13 de maio	
00:05:33	00:05:51	Idem	Canta outro ponto: “Ê Ê Ê, pega macaco Faz laço na campanha Eu sou macaco velho Teu laço não me apanha”	JO	Muito bom o ponto que ele canta	O ponto parece fazer referência a “marafunda” que amarra na roda.
00:05:52	00:08:00	Idem	Fala que não sabia tocar tambu. E os próprios jongueiros que faziam os tambus. Ele explica como que se fazia. Ele diz ter feito um tambu junto com o seu genro, Sebastião - o “Siri”.	JO		
00:08:01	00:09:12	Idem	Fala de uma ida ao programa Muvuca da Regina Casé em 2000, mas ele não foi.	JO		
00:09:13	00:11:41	A imagem se volta para a televisão rapidamente e retorna para o rosto de Seu Zé Adriano.	Fala a saudação a Preto Velho e afirma nunca ter ocorrido no Bracuí - uma outra voz que não sei de quem é diz – que lá é mais ligado ao catolicismo diferentemente de São José da Serra, onde tem ponto referente a umbanda.		Gostei da comparação com São José da Serra	

00:11:42	00:12:03	Rosto de Seu Zé Adriano	Seu Zé Adriano afirma não ter conhecido Mestre Darcy.			
00:12:04	00:13:19	Idem	Fala do fim dado ao Seu Puciano			
00:13:20	00:14:06	Filmagem vai para o retrato de Mestre Darcy na parede	Afirma o significado do jongo para ele como uma devoção	JO		
00:14:07	00:15:19	Imagem retorna ao rosto de Seu Zé Adriano	Relata sobre a dança do jongo, diferenciado do forró, a qual para ele é uma dança de malícia	JO CA		
00:15:20	00:16:33	Entra na imagem Luciana, filha de Seu Zé adriano	Começa um bate-papo sobre o filme “Memórias do Cativoiro” e sobre o filme a ser produzido			
00:16:34	00:16:44	A câmera vira para a Profª Martha Abreu	Martha explica que o filme que será produzido			
00:16:44	00:16:50	Imagem de Seu Zé Adriano	Idem			
00:16:51	00:17:07	Imagem de Seu Zé Adriano e Luciana	Seu Zé Adriano diz não conhecer Seu Sebastião Condongo de Mambucaba			
00:17:08	00:17:13	Outras pessoas entram em cena	Conversa aleatória			
00:17:14	00:17:49	Imagem vai passando filmando as pessoas	Idem			
00:17:50	00:18:03	Filmagem das fotografias na parede	Idem			
00:18:04	00:19:11	Entra mais pessoas na cena	Idem			
00:19:12	00:19:35	Marilda sentada . Atrás tem algumas árvores. O foco é o seu rosto.	Fala o seu nome e idade			
00:19:36	00:19:49	Idem	Nasceu de parteira – Dona Lepoldina – que era da comunidade			

00:19:50	00:20:20	Idem	Nome da Mãe: Emília Francisco Rodolfo Nome do Pai: Antônio Francisco Ramos Os dois eram do Bracuí	Genealogia		
00:20:23	00:21:34	Idem	Fala da sua família e da separação dos pais, que formaram outras famílias, mas quase todos vivem no Bracuí	Genealogia		
00:21:35	00:22:32	Idem	Afirma não ter conhecido os avós, mas sua mãe falava que o avô (de Marilda) era de Bananal/SP e se chamava Francisco Rodolfo e era conhecido como Chico Rodolfo. A avó era do Bracuí e se chamava Maria Dó. Esses são os avós maternos de Marilda.	Genealogia	Fantástico o caso do avô de bananal casar com a avó do Bracuí.	
00:22:33	00:22:56	Idem	Diz que a sua mãe não era muito de contar histórias: ela “gostava muito era de passear, ir a festa, ao baile.”			
00:22:57	00:23:31	Idem	Explica como eram os bailes nas casas e fala de um que se chamava domingueira	CA		
00:23:32	00:24:28	Idem	Afirma ter calango nesse baile e fala de outras danças e músicas que aconteciam no baile.	CA		
00:24:29	00:25:04	Idem	Nesses bailes havia sanfona, viola, pandeiro, um tipo de chocalho e cantadores.	CA		
00:25:05	00:25:35	Idem	Caracteriza o baile de calango como tendo os mesmos instrumentos e cantadores já mencionados acima, comentando que, às vezes, tinha trova (o desafio).	CA		

00:25:36	00:26:03	Idem	Ela canta um a trova de Calango: “Quero que você me dia Quanta estrela em no mar” Se corrige: “quanto peixe tem no mar” E o outro responde: “O peixe que tu em no mar Eu peguei no meu chapéu Quero que você me diga Quantas estrelas tem no céu”	CA		
00:26:04	00:27:54	Idem	Fala do improviso e explica como era o desafio, utilizando o exemplo da trova anterior. E diz que isso ia correndo até um dos cantadores desistir.	CA		
00:27:55	00:28:05	Idem	Relata que sempre tinha festa: nos aniversários, quando tinha reza... Conta que a irmã era rezadeira e ela sempre a acompanhava nas rezas para depois ficar nos bailes.	CA		
00:28:06	00:29:04	Idem	Diz que mãe dançava calango. Afirma que os mais velhos é que cantavam e, por isso, é que o calango foi se acabando no Bracuí. Só quem canta hoje é o Seu Geraldo.	CA		
00:29:05	00:32:15	Idem	Conta sobre o projeto da escola e da secretária de cultura sobre a história e a cultura do Bracuí. A diretora da escola pediu para Marilda fazer uma pesquisa na comunidade junto com as crianças e descobriram muitas coisas sobre versos e medicina natural.	CA		Seria legal tentar pegar essa pesquisa com a Marilda.

00:32:16	00:33:27	Idem	Marilda diz que sua mãe não fala muito sobre a mãe, falava mais de uma Tia Helena que trabalhou na roça.	genealogia		
00:33:28	00:35:08	Idem	Ela fala que a pesca no rio e a roça eram o sustento. Fala de um ponto de troca de mercadoria.	CN		
00:35:09	00:35:31	Idem	Todos da comunidade tinham um pequeno engenho de madeira em casa para moer a cana.	CN		
00:35:32	00:36:10	Idem	Sua mãe além de dançar o calango, também dança jongo, forró e cantava reis	JO CA FR		
00:36:11	00:40:43	Idem	Conta que chegou a ver sua mãe dançando o jongo, mas os filhos não podiam dançar porque era coisa dos mais velhos e, também não tinha roda de crianças. Dançava-se o jongo na festa de Santa Rita, na festa Junina e no Natal. Fala que o Jongo não tinha época certa e só podiam dançar os jongueiros antigos. Diz que tinha jongo na casa de Seu Zé Adriano e na Igreja. Depois acabou, e Marilda aponta como um dos motivos a pressão da Igreja que via “muito o lado mau da coisa”. Também havia jongo no Carnaval.	JO		Registro da presença do jongo no carnaval (link com as escola de samba do Rio)

00:40:44	00:41:30	Idem	Marilda fala do Carnaval no Bracuí, e da criação de machinhas pelos próprios moradores da comunidade. E canta uma: “Cruz credo eu vi Sai daquele canto Pulando de uma perna só É o moleque saci”	Carnaval	Interessante a machinha de carnaval do saci	
00:41:30	00:41:51	Idem	Fala que sua avó materna gostava de jongo	JG		
00:41:52	00:42:40	Idem	Sua avó não era do tempo dos escravos, mas não sabe se os bisavós eram.	ME		
00:42:41	00:42:59	Idem	Marilda afirma que sua mãe só cantava no reis	FR		
00:43:00	00:44:00	Idem	Explica como era o “reis” e a entrada nas casas	FR		
00:44:01	00:44:19	Idem	Diz que voltaram a fazer o “reis” no ano passado.	FR		
00:44:20	00:44:29	Idem	O “reis” tem período certo para acontecer: começa em dezembro e vai até 20 de janeiro.	FR		
00:44:30	00:44:56	Idem	O “reis” é do tempo dos seus avós, e que naquela época era mais forte, “era levado a sério”.	FR		
00:44:57	00:46:20	Idem	Dá mais detalhes de como é o “reis”: as doações, a festa.	FR		
00:46:21	00:46:26	Idem	“a raça negra já é festiva memo, né”	FR	Associação entre negros e festas, assinalando sua importância. Frase espetacular	

00:46:27	00:47:21	Idem	Fala da família do Pai Nome do avô paterno: Antônio Coroado Ramos Nome do pai de Marilda: Antônio Francisco Ramos Ela não sabe de onde vem o nome Corado do avô A família do é do Bracuí.	Genealogia		
00:47:22	00:48:09	Idem	Se diz remanescente pelo lado do pai, porque o bisavô dela foi escravo.	ME		
00:48:10	00:48:24	Idem	A avó paterna dela se chamava Maria Rita	genealogia		
00:48:25	00:51:10	Idem	O pai de Marilda contava história do avô dele. Contava do engenho de cachaça. Ele dizia que eles trabalhavam na lavoura e que no tempo dos Breves tinha cafezal e depois passou para cana e depois foi a banana. Diz que aquela terra o Breves ganhou.	FA ME		
00:51:11	00:52:16	Idem	Conta que o Breves plantou café na área que hoje é o Bracuí e ia na ilha grande buscar escravo, porque lá era o “point” dos escravos( ela descobriu isso na pesquisa da escola). O pai dela e padrasto contavam mais do ciclo da cana, quando iam para outra fazenda - a do Macedo - onde faziam açúcar no “Engenho Central”	FA MT		



00:52:17	00:56:50	Idem	Fala que o pai dela não gostava das festas. Ele gostava de contar história. Contava a história do ponto de troca de mercadoria, “do folclore” – assombração, mula sem cabeça. Ela conta uma história da mula sem cabeça e outra da Yara.			
00:56:51	00:58:59	Idem	Disse que o pai era um fã de Getúlio Vargas , para ele “era Deus no céu e Getúlio Vargas na terra”	Menção a Getúlio Vargas		
00:59:00	01:02:11	Idem	Conta da época que o pai foi trabalhar em Bananal.Os rapazes iam para Bananal trabalhar, juntar dinheiro e casar. Diz que o pai fala sobre o trem e que ele tinha aprendido a ler sozinho.	CN		

<b>Legenda dos temas</b>	<b>Equipe de decupagem</b>
Jongo – JO Memória do tráfico – MT Quilombo – QL Calango – CA Memória da África – MA Memória da escravidão – ME Folia de Reis – FR Campesinato Negro – CN Fazendas – FA	Camila Marques Camila Mendonça Edmilson Santos Eric Brasil Luana Oliveira Luciana Leonardo Matheus Serva Thiago Campos